

SIMON SCARROW

# IRMÃOS DE ARMAS

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

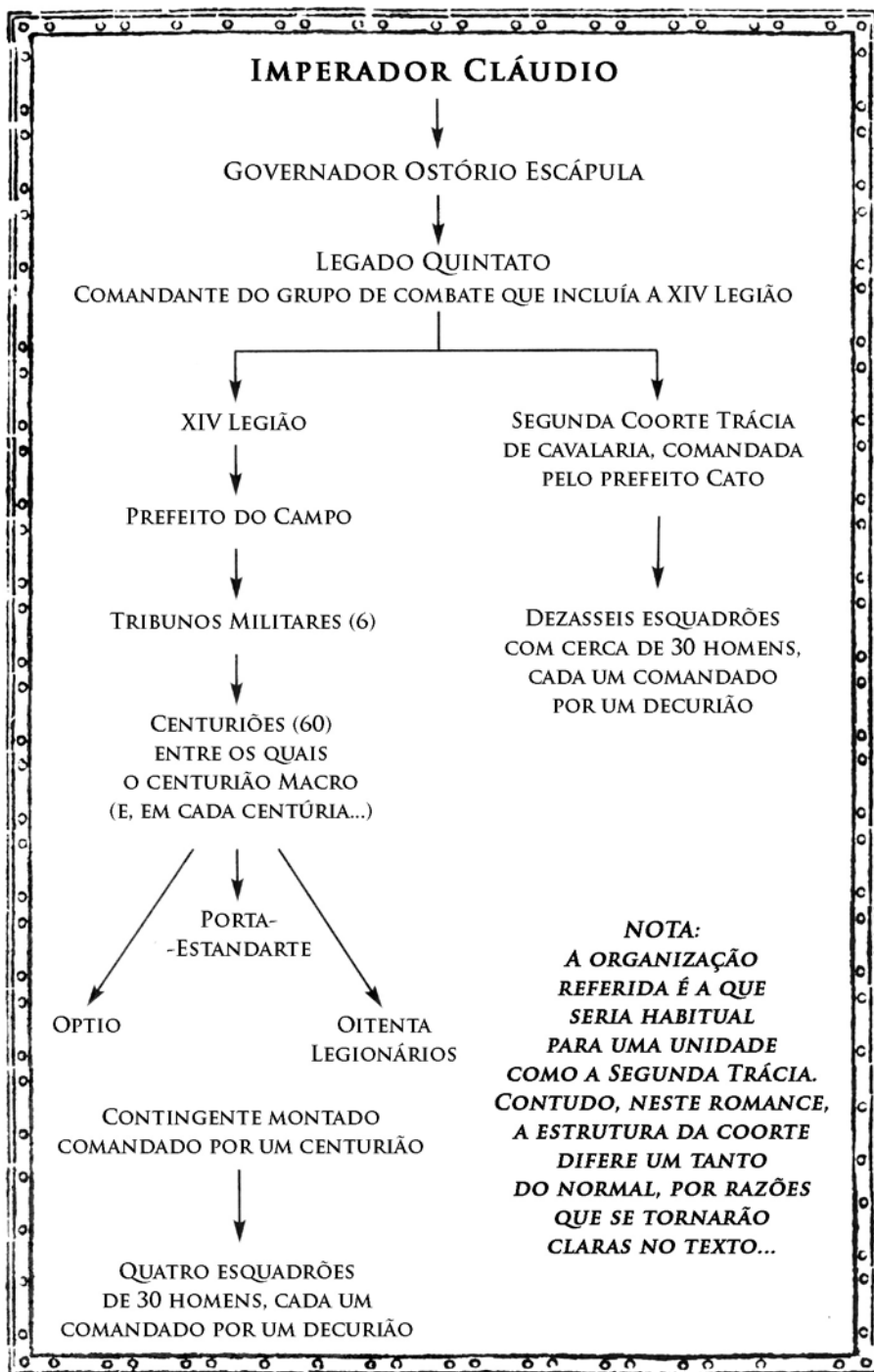


**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



Para o meu filho Joseph,  
que se tornou um homem

# A CADEIA DE COMANDO NO EXÉRCITO ROMANO



# PROVÍNCIA ROMANA DA BRITÂNIA EM 52 D.C.





*Roma, fevereiro de 52 d.C.*

As ruas da capital estavam repletas de gente que aproveitava o calor pouco habitual naquela época do ano. Pouco passava do meio-dia, e o Sol brilhava num céu límpido. Musa pressentiu que alguém o seguia, muito antes sequer de avistar de relance o seu perseguidor. Fora esse instinto que primeiro atraíra sobre si a atenção do seu amo: um jeito inato para farejar o perigo. Uma qualidade inestimável no seu ramo de atividade. Desde que fora levado para longe das ruas do Aventino, tinha sido gasta uma pequena fortuna a treiná-lo, de forma a aguçá-lhe os sentidos e aperfeiçoar-lhe os reflexos.

Era um dos melhores agentes ao serviço de um dos mais influentes habitantes do palácio imperial. Sabia como perseguir e eliminar um inimigo em absoluto silêncio. Como proceder para desfigurar um corpo e se livrar dele, de forma a tornar muito difícil encontrar uma das suas vítimas, mais ainda reconhecê-la. Sabia codificar e descodificar mensagens, quais os melhores venenos a utilizar para não deixar traços. Sabia também, e perfeitamente, como seguir alguém pelo meio das multidões ou pelos becos menos frequentados, sem denunciar a sua presença.

E tinha sido também ensinado a perceber quando era ele a presa. Um momento antes, quando parara junto a uma banca de pão na orla do fórum, dando a todos os que o rodeavam o ar de ser apenas mais um potencial cliente que apreciava a disposição dos bolos e pãezinhos sobre a banca, tinha identificado o homem: magro, de cabelo escuro, com uma simples túnica castanha, e também parado à frente de outra banca, esta de fruta e a uns quinze passos mais atrás, aparentemente ocupado a avaliar cuidadosamente o aspeto de uma pera em que tinha pegado.

Musa manteve-o bem à vista pelo canto do olho, absorvendo todos os detalhes da sua aparência cuidadosamente calculada para manter o anonimato. Ao fim de um instante, recordou-se de o ter visto na rua

junto à casa aonde o seu amo o tinha mandado entregar uma mensagem, logo pela manhã. Informação demasiado importante para ser confiada ao papel, pelo que fora obrigado a memorizá-la antes de se fazer ao caminho. O perseguidor tinha estado num grupo de homens entretido num jogo de dados e limitara-se a levantar-se e espreguiçar-se e a deixar casualmente o grupo, seguindo pela rua na mesma direção de Musa, embrenhando-se sem mais na multidão. Apenas um pormenor em que tinha reparado na altura, sem lhe dar grande importância. Mas isso agora mudara. Era coincidência a mais para ser apenas obra do acaso.

Sorriu para si mesmo, determinado. Muito bem, o jogo começara. Conhecia inúmeros truques que lhe permitiriam despistar o homem. Porém, se ele fosse bom naquilo, depressa os notaria, e facilmente ultrapassaria o contratempo. Ainda assim, Musa tinha a seu favor uma outra vantagem que lhe dava uma maior hipótese de sucesso na batalha de astúcias que se aproximava: nascera precisamente naquelas ruas, crescera a correr pelas suas sarjetas, e ali passara a maior parte da juventude, somente mais um órfão maltrapilho que encontrara refúgio no seio de um dos bandos de miúdos que percorriam as vielas. Conhecia cada curva e atalho das ruas e ruelas da imensa cidade espalhada pelas sete colinas que rodeavam as velozes correntes do rio Tibre.

Pelas feições escuras do homem da túnica castanha, Musa calculou que não se tratava de um nativo da cidade, antes de alguém que provinha de algures na parte oriental do Império, ou mesmo de fora deste. Não teria qualquer possibilidade de seguir Musa quando este se embrenhasse no labirinto de becos escuros e malcheirosos da Subura, o bairro dos mais miseráveis habitantes da cidade, que se estendia por trás do fórum. Depressa o perderia de vista, e que os deuses o ajudassem se ele se perdesse ao tentar segui-lo. Os habitantes da Subura eram terrivelmente bairristas, e farejavam um estranho à distância, nem que fosse por não cheirar tão mal como eles. Seria uma presa fácil para o primeiro bando que resolvesse atirar-se a ele.

Um lampejo de simpatia atravessou-lhe o pensamento, e Musa afastou-o de imediato. Naquele jogo não havia lugar para o sentimento. O amo do outro seria por certo tão implacável como aquele a quem servia, e o tipo estaria seguramente disposto a cortar-lhe a garganta por nenhuma razão que não fosse tal ter-lhe sido ordenado. A mão de Musa escorregou até à cintura, e os dedos acariciaram levemente o alto que a faca



escondida por baixo do largo cinto de cabedal provocava. Confortado, afastou-se de súbito da banca e dirigiu-se a passo rápido na direção do arco que levava ao exterior do fórum. Não precisou de olhar para trás para saber que o outro o seguira de imediato. Virara-se para ele no preciso instante em que Musa se começara a mover.

Ao abrir caminho pela turba, provocando comentários irritados e olhares furibundos de alguns daqueles que afastava sem cerimónia, Musa sentiu o coração a acelerar. Uma bizarra mistura de excitação, medo e entusiasmo corria-lhe pelas entranhas. Passou sob o arco, cuja abóbada fazia ecoar os passos de sandálias e as curtas trocas de palavras, dando-lhes maior nitidez do que o barulho de fundo da cidade que se abria de ambos os lados. Virou à esquerda e apressou-se a entrar num beco que rumava ao coração da Subura. Um pouco adiante, avistou um miúdo com uma túnica sebenta e um par de sandálias gasto e preso com trapos, agachado contra a parede imunda e repleta de escritos pouco recomendáveis, a observar os passantes. Um ladrãozito, decidiu Musa. Conhecia perfeitamente o género, e extraiu da bolsa uma moeda de bronze.

— Rapaz, vem aí um tipo de túnica castanha, que me está a seguir. Se ele vier por aqui, diz-lhe que fui por outro lado, por aquele beco além. — Apontou para uma via inclinada que seguia noutra rumo. Lançou a moeda na direção do miúdo, que a apanhou no ar, enquanto acenava uma rápida concordância com o plano. Apressou-se então a meter pela travessa que penetrava na Subura. A ruela era escura e estreita, e o lixo acumulava-se em pilhas junto às paredes. Havia por ali muito menos pessoas e Musa acelerou o passo, começando a correr, ansioso por colocar entre ele e o perseguidor a maior distância possível.

Com um mínimo de sorte, tê-lo-ia despistado no arco. Mas, se o outro fosse realmente bom, perceberia que Musa o ia tentar despistar nas ruelas sinuosas da Subura e podia muito bem interrogar o miúdo ali sentado a observar os passantes. Talvez acreditasse na história que o miúdo lhe contasse, mas, mesmo que tal não sucedesse, o tempo perdido a hesitar atrasaria a perseguição e deixá-lo-ia sem pistas claras quando chegasse ao interior do bairro. Musa continuou a correr mais algumas centenas de passos, virando à direita e depois à esquerda por entre os blocos de alojamentos que se erguiam desconjuntados para o céu, como se tivessem a intenção de esmagar a fina fatia de claridade que se avistava lá em cima, a bordejar a escura e irregular orla dos prédios. Por fim,

refreou o andamento e aplicou-se a recuperar o fôlego, torcendo o nariz ao odor pestilento de comida a apodrecer, a excrementos, a urina e suor, que noutros tempos tinha achado a coisa mais natural do mundo.

Musa admirou-se por, em pequeno, ter tido capacidade de aguentar a miséria em que tinha crescido. Desde essa altura, tinha-se habituado aos aromas agradáveis do mundo dos ricos e poderosos, apesar de viver na sua periferia e trabalhar nas sombras. Ainda assim, recordava-se perfeitamente daquelas ruas e vielas estreitas, e sabia exatamente onde se encontrava e que caminho seguir para atravessar o bairro e voltar a dirigir-se para a casa no Quirinal onde o seu amo o aguardava. Porém, ali na Subura havia outros perigos que exigiam atenção, e Musa prosseguiu com cautela, avaliando cada homem ou grupo que se aproximava dele ao longo da rua, tentando perceber se representavam uma ameaça. Contudo, para lá de algumas olhadelas hostis, todos o deixaram em paz, e acabou por chegar à pequena praça que marcava o coração da Subura, dominada por uma fonte de grandes dimensões que fornecia água aos habitantes da área, graças a um ramal que saía do aqueduto Juliano.

Como era habitual, a praça estava repleta de mulheres e crianças carregadas de pesadas ânforas, que tinham sido enviadas para recolherem água para toda a família. Muitas ficavam a trocar as últimas novidades. Por entre elas viam-se grupos de homens, jovens e adultos, que partilhavam odres de vinho enquanto conversavam ou jogavam aos dados. Musa envergava uma túnica preta sem adornos e, para lá do cuidado corte do cabelo e da barba, não se destacava no meio deles. Sentiu alguma da tensão a desaparecer-lhe do corpo e aproximou-se da fonte. Debruçou-se sobre a pedra do rebordo, pôs as mãos em concha na água e bebeu o suficiente para saciar a sede que lhe surgira enquanto empreendia a fuga ao perseguidor. Salpicou a cara com água, voltou a erguer-se e fletiu os músculos dos ombros, satisfeito por mais uma vez os seus pequenos truques terem demonstrado a sua utilidade.

Voltou as costas à fonte e parou, gelado.

O homem da túnica castanha esperava-o, a não mais de quinze metros, do outro lado da turba que se acotovelava em redor da fonte. Já não tentava disfarçar a sua presença; pelo contrário, olhava diretamente para ele e sorria. A expressão no seu rosto enregelou o sangue de Musa, enquanto as questões lhe percorriam a mente. Como era aquilo possível? Como é que aquele tipo conseguira segui-lo? Como é que soubera

onde o encontrar? Talvez, afinal de contas, fosse natural da cidade. Musa amaldiçoou-se em silêncio por ter tão completamente subestimado o opositor.

A mão deslizou-lhe mais uma vez até ao cinto, procurando a segurança da lâmina, agora que as apostas se tinham tornado sérias. Já não se tratava apenas de enganar o outro. O confronto era muito provável, e essa perspectiva era claramente preocupante. Musa sabia que havia uma via que levava da praça diretamente à rua que subia o Quirinal, e começou a dirigir-se para lá, preparando o corpo para se lançar numa corrida sem aviso. Se não tinha tido a argúcia necessária para escapar ao seu perseguidor, teria simplesmente de ser mais rápido do que ele.

O homem manteve-se a par dele enquanto abria caminho pela turba; então, quando as intenções de Musa se tornaram óbvias, o outro sorriu e apontou-lhe um dedo. Pela primeira vez sentiu verdadeiro receio, um nó gelado que lhe tomou conta da nuca. O outro acenou na direção da rua que Musa tencionava seguir e ao olhar para lá avistou duas figuras de grande envergadura que deixavam as sombras e lhe bloqueavam a passagem.

— Foda-se... — murmurou para si mesmo. Já eram três os adversários. Talvez mais. Não conseguiria abrir caminho pela força. Escapar da armadilha dependia agora, mais do que nunca, da sua velocidade. Recuou para o meio da multidão, procurando um abrigo momentâneo, e olhou em redor da praça. Havia quatro outras possibilidades de fuga. Escolheu uma viela no lado oposto aos dois homens e também distante do primeiro perseguidor. Recordou-se de que seguia mais ou menos paralelamente à outra rua que se dirigia ao Quirinal. Se fosse por ali e a percorresse por tempo suficiente, acabaria por poder cortar para a casa do seu senhor, e acolher-se à segurança que esta lhe proporcionaria. Preparou-se, respirou fundo e lançou-se em corrida, empurrando todos os que encontrava no caminho. O ar encheu-se de imprecações furiosas dos que tinha perturbado, mas não lhes prestou qualquer atenção. Emergiu de entre a multidão e saltou sobre as lajes imundas, dirigindo-se à entrada da ruela. Ouviu outro grito sobre o clamor da multidão.

— Vão! Atrás dele!

Entrou pela boca da rua e mergulhou na penumbra. Durante alguns instantes, o contraste com a área bem iluminada da praça tornou-lhe difícil ver o caminho, mas continuou a correr na mesma, na esperança

de não tropeçar nem embater contra alguém, e de não escorregar, o que facilmente sucederia se as suas botas se fossem apoiar numa zona mais gordurenta do pavimento. Os olhos ajustavam-se à luz reinante, e começou a discernir os detalhes da via. As entradas arqueadas dos prédios, as portas das pequenas lojas que tentavam sobreviver com o diminuto lucro que lhes sobrava depois de pagarem os devidos tributos aos bandos que dominavam a Subura. Um punhado de maltrapilhos, tanto mulheres como homens, estendiam as mãos e murmuravam pedidos de comida ou dinheiro, e ele evitou-os, enquanto escutava o som dos passos dos seus perseguidores a avançarem pela rua. Cerrou os dentes e forçou as pernas a prosseguirem, enquanto o desespero crescia no seu espírito.

Cinquenta passos à frente, um raio de luz rasgava a penumbra, num cruzamento com a rua mais larga que dava acesso ao Quirinal e, ao avisar a interseção, Musa sentiu um lampejo de esperança. Se conseguisse manter-se à frente dos outros mais uns quatrocentos metros, estaria a salvo. O cruzamento estava cada vez mais próximo, e ele regozijou-se perante o brilho da luz solar que extinguiu o mundo escuro da miséria que o rodeava. Estava a não mais de dez passos da esquina quando sentiu uma pancada nas canelas e se viu a voar pelo ar. Lançou as mãos para a frente e tombou pesadamente no estreito canal que percorria o centro do beco, no qual se acumulavam pilhas de esterco. O impacto fê-lo perder o fôlego e por momentos deixou-se ficar imóvel, só a tentar respirar e ignorar a dor que lhe corria pelas costelas. Sabia que tinha de se levantar, pelo que se obrigou a pôr-se de joelhos. O som pesado das botas rasgava o ar, e ele pegou na faca enquanto cambaleava, aturdido, e tentava respirar. Já de lâmina bem à vista, começou a virar-se para enfrentar os inimigos.

Recebeu um potente pontapé na mão, o que fez com que a faca lhe saltasse dos dedos dormentes. Outra bota atingiu-o de lado, derrubando-o de novo e deixando-o sem qualquer ar nos pulmões, depois de soltar um grunhido de dor. Ficou no solo, dobrado sobre si mesmo, de boca aberta, tentando engolir ar, enquanto olhava para os agressores. Lá estava o homem da túnica castanha, com um brutamontes de cada lado, todos eles exibindo uma atitude agressiva e de punhos cerrados. Musa ainda não percebera o que o tinha feito cair, e o olhar de confusão magoada no seu rosto fez o outro sorrir.

— Uma pena, Musa, meu galifão. Deste luta. Mas estás acabado, per-

cebes? — Olhou por cima de Musa e sorriu. — Bom trabalho, Pétulo. Já podes aparecer, miúdo.

Uma sombra destacou-se duma ombreira num dos lados da rua e colocou-se sob a luz: Musa avistou um rapaz que segurava nas mãos um pedaço de madeira sólida. Reconheceu-o de imediato. Era o gaiato a quem atirara uma moeda para que ele enganasse o seu perseguidor. Afinal, era parte do grupo que o caçava. E, mais ainda, Musa percebeu por fim que tinha sido conduzido precisamente para aquele beco, onde o rapaz esperava emboscado. Tinha sido uma armadilha bem montada. Como ele a teria planeado. Não, melhor ainda. Abanou a cabeça e rebolou, até ficar de costas.

— Rapazes, levantem-no.

Mãos rudes pegaram-lhe nos braços e puseram-no de pé. Outra mão aproximou-se e ergueu-lhe o queixo com brusquidão. Viu-se a enfrentar o homem da túnica castanha, especado à sua frente.

— Alguém quer trocar umas palavrinhas contigo, Musa.

Musa encarou-o, de dentes cerrados. Depois, sem aviso, cuspiu no rosto do outro.

— Vai-te foder — rosnou. — E o mesmo para aquele pedaço de merda grega para quem trabalhas!

Um brilho de fúria perpassou pelo rosto do outro, mas ele acalmou-se e sorriu friamente.

— A mesma matéria-prima de que é feito o teu senhor, meu caro.

Fez um gesto curto, e um saco escuro caiu sobre a cabeça de Musa. Sentiu brevemente um odor a azeitonas, mas logo se viu envolvido por uma súbita explosão de luz branca acompanhada de uma dor lancinante, e tudo ficou escuro.

— Foi uma pancada e tanto. — Uma voz penetrou-lhe a mente atordoadada. — Espero bem que não tenhas desfeito os miolos a este sacana.

Musa gemeu e deixou descair a cabeça. Entreabriu os olhos e percebeu que estava numa cela de pedra, alumada pela luz pálida e amarelada de algumas lamparinas de azeite. A cabeça latejava-lhe, e qualquer movimento provocava uma onda de náusea que lhe percorria as entranhas. Estava de costas, deitado numa mesa de madeira, a crer no que lhe diziam os dedos. Tentou mexer a mão, mas sentiu de imediato as cordas que o prendiam. A outra mão estava igualmente presa, bem como os pés, e ele deixou-se estar quieto, fingindo-se ainda desacordado, enquanto lutava para ordenar alguns pensamentos coerentes no meio da dor que lhe esmagava o crânio. Também lhe doíam as canelas, e lembrou-se do miúdo a quem atirara uma moeda, sentindo-se de alguma forma traído; mas a ideia que realmente o dominava era a de desprezo por si mesmo, por se ter deixado enganar daquela forma tão simples.

— Foi só uma cacetada na cabeça, nada mais — protestou outra voz, que Musa reconheceu como pertencente ao homem que comandava o grupo que o capturara. — Assim que acordar, vai estar pronto para outra.

— Está a mexer-se. O nosso bom Musa já está acordado.

Ouviu passos a aproximarem-se, e um par de mãos agarrou-lhe o colarinho da túnica e sacudiu-o.

— Abre os olhos, Musa. É tempo de conversarmos.

Ignorou a vontade de responder e fingiu-se adormecido. O homem voltou a sacudi-lo, e por fim aplicou-lhe uma bofetada. Musa piscou os olhos e encolheu-se involuntariamente. Viu que o homem que se debruçava sobre ele acenava, satisfeito.

— Está pronto.

— Nesse caso, não vamos perder mais tempo. Vai buscar o Anco.

— Muito bem, chefe. — O homem afastou-se e Musa voltou a escutar passos, uma porta a abrir-se, e o som de sandálias a subir umas escadas. Virou a cabeça e pela primeira vez contemplou a extensão do compartimento em que se encontrava. Era uma câmara de teto baixo, subterrânea, calculou, a julgar pela humidade bafienta do ar, a falta de luz natural e o silêncio envolvente. Havia dois candelabros suspensos do teto, cada um deles com duas lamparinas que davam luz ao espaço. Para lá da mesa em que se encontrava parecia haver apenas mais um móvel: um pequeno balcão, sobre o qual se viam alguns instrumentos a rebrilhar à luz. Ao lado da mesa, a cara envolta em escuridão, estava um homem magro e insignificante, numa túnica branca imaculada, e com botas de cabedal que lhe subiam até meio da canela. O homem manteve-se em silêncio por momentos, até que começou a falar numa voz suave e seca, em tom tão baixo que Musa não conseguiu identificá-lo.

— Antes mesmo que penses nisso, devo avisar-te de que qualquer grito ou lamento que lances nunca será escutado por viva alma para lá destas paredes. Estamos na cave de uma casa perfeitamente anónima.

Musa sentiu um arrepio de medo a percorrer-lhe a espinha. Havia apenas uma razão para alguém garantir o acesso a um lugar daquele género. Olhou outra vez para o balcão e percebeu qual o uso dos instrumentos que via.

— Ótimo — disse o outro. — Já percebeste o que te espera. Não vou insultar a tua óbvia inteligência com aquela lengalenga de que no fim acabarás por nos dizeres aquilo que queremos saber. Se o teu senhor te treinou tão bem como eu treino os meus homens, quebrar-te a resistência vai com certeza ser um verdadeiro desafio. Aviso-te porém que o Anco é do melhor que há neste ramo. Se lhe dessem tempo suficiente, seria capaz de fazer uma pedra falar. E tu, Musa, não és nenhum rochedo. Apenas uma criatura de carne e osso. Fraca. Como qualquer outro homem, tens os teus pontos vulneráveis. O Anco acabará por os descobrir, tão certo como o dia suceder à noite. Portanto, sim, dir-nos-ás o que queremos saber. A única questão que importa é até quando é que vais tu aguentar. Mas para isso temos todo o tempo de que precisarmos. A não ser que queiras falar já, e poupar-nos a todos uma experiência com o seu quê de desagradável.

Musa abriu ligeiramente a boca, com a intenção de insultar o homem,

mas preferiu voltar a cerrar os lábios. Uma das primeiras coisas que aprendera acerca daquele tipo de situações era a importância de não pronunciar uma única palavra. Assim que falasse, abriria a porta a novas trocas de palavras; para lá do perigo de deixar escapar preciosos fragmentos de informação, isso dava ao interrogador uma oportunidade de estabelecer uma ligação, de arranjar uma forma de entrar nos seus pensamentos e aproveitar as suas fraquezas. Melhor seria nada dizer de todo.

— Estou a ver — concluiu o outro. — Bom, será preciso proceder como previsto.

No silêncio tenso que se estabeleceu entre os dois homens, o único som que se escutava era o das gotas de água que pingavam algures na cela improvisada. O outro homem não se mexeu; manteve-se imóvel, o rosto oculto pela sombra. Por fim, Musa escutou passos distantes que se aproximavam e depois o matraquear das sandálias nos degraus. A porta abriu-se e entraram dois homens; um, o que já conhecia, e outro, um tipo atarracado e de braços grossos, de cabelo curto e com várias cicatrizes a decorarem-lhe o rosto. A princípio Musa tomou-o por um antigo gladiador, mas ao avistar a marca de Mitra na testa do homem, percebeu que era um ex-soldado.

— Anco, ele é todo teu — anunciou o homem nas sombras.

O designado coçou o nariz e olhou para Musa de alto a baixo.

— Senhor, o que deseja dele?

— Quero saber porque é que ele foi visitar o Vespasiano. E quero saber que desígnios alberga o nosso bom amigo Pallas relativamente à campanha na Britânia. Quero também os nomes de quaisquer agentes que o Pallas tenha nessa província, e que ordens têm.

Anco anuiu.

— Mais alguma coisa?

— Por agora será o suficiente.

Anco anuiu de novo, aproximou-se da mesa e debruçou-se sobre Musa.

— Suponho que estás familiarizado com o processo. Orgulho-me de seguir todas as normas, portanto vamos começar com o habitual, está bem?

Dirigiu-se ao balcão, contemplou os instrumentos lá dispostos, selecionou alguns e regressou para junto da mesa, onde os colocou bem à vista de Musa.



— Ora cá estamos. O melhor parece-me ser começar pelos pés e ir subindo. — Exibiu umas pinças de ferro e piscou um olho. — Isto é para os dedos. Depois vou esfolar-te os pés até aos tornozelos. — Mostrou uma faca de cirurgia e um par de ganchos finos. — Depois então vou partir-te as pernas. Para os joelhos tenho isto. — Exibiu a Musa uma pesada barra de ferro. — Se isso não chegar para te soltar a língua, meu caro amigo, então lá teremos de fazer saltar o pendericalho, mais os tomates. Mas quase que te garanto que antes disso há de querer falar e contar-nos tudo.

Musa obrigou-se a controlar a expressão facial e a olhar para o outro com ar impassível. Contudo, não conseguiu evitar que uma gota de suor se soltasse do couro cabeludo e lhe corresse pela testa. O verdugo usou um dedo rechonchudo para a limpar delicadamente da pele de Musa.

— Não somos assim tão corajosos como queremos dar a impressão, não é? — Riu-se, e lambeu a gota de suor do dedo antes de voltar a pegar nas pinças e se dirigir para a ponta da mesa, para junto dos pés de Musa. Este cerrou os dentes e fletiu todos os músculos do corpo, enquanto tentava controlar o pavor que se apossava dele perante o que se ia passar. Sentiu então uma mão pegar-lhe no pé e segurá-lo firmemente. Torceu-se todo, tentando mexer o pé para um lado e para o outro, e forçar as amarras que o prendiam.

— Ei, Sétimo, torna-te útil. Mantém-no quieto.

O homem da túnica castanha aproximou-se, agarrou-lhe no pé e obrigou-o a ficar imóvel. Musa sentiu o metal frio a apertar-lhe o dedo grande e a pressionar a carne e o osso. Anco respirou fundo e fez força nas pegadas da pinça. Um estalo súbito sobrepôs-se aos grunhidos de esforço de Sétimo, e a face de Musa contorceu-se numa máscara de agonia.

— Avisem-me quando ele estiver disposto a falar — anunciou o homem que se mantivera nas sombras. — Eu estou lá em cima.

Moveu-se do seu canto, e Musa afastou as lágrimas que lhe enchiam os olhos para melhor contemplar o homem; ao confirmar as suas suspeitas, qualquer esperança que lhe pudesse ainda restar se esvaiu: eram as feições escuras e macilentas do secretário do Imperador Cláudio. Narciso, que há tanto tempo era o verdadeiro poder por trás do trono, e que era agora desafiado pelo seu rival, Pallas, o homem que empregava Musa. E que tinha o objetivo de eliminar Narciso no momento em que o Imperador morresse e o poder passasse para as mãos do seu filho adotivo, Nero. Pallas já tinha aberto caminho até ao leito da mãe

de Nero. Era uma questão de tempo até conseguir ter sobre Agripina o mesmo controlo que Narciso em tempos tivera sobre Cláudio. Os dois homens eram rivais amargos, como Musa bem sabia, e isso significava que nenhum tormento lhe seria poupado até revelar o que Narciso queria tanto saber. Sentiu a pinça a aproximar-se do dedo seguinte, e avistou Narciso a deitar-lhe um olhar desgostoso enquanto deixava a cela, no preciso instante em que um segundo osso se quebrava entre as garras de ferro da pinça manejada por Anco.

**O**Sol já se pusera quando por fim Sétimo subiu as escadas para chamar o seu patrão. Limpava as mãos numa tira de tecido arrancada à túnica de Musa, enquanto entrava na pequena cozinha no piso acima da cave. Narciso estava só, sentado num banco simples, junto a uma mesa, um prato vazio e uma caneca de barro à sua frente, os restos de uma refeição que fora comprar num mercado próximo quando os gritos que vinham lá de baixo se tinham tornado demasiado difíceis de suportar.

— Está pronto para falar.

— Já era tempo, não? Começava a perder confiança nas capacidades de Anco.

— Pai, não é caso para tanto. Ele fez o seu melhor. A verdade é que Musa era mesmo um tipo teso, difícil de quebrar.

Narciso anuiu.

— Ainda bem. Se conseguirmos dar-lhe a volta, pode vir a tornar-se um trunfo precioso, a seu tempo.

— E se não conseguirmos?

— Nesse caso, será apenas mais uma baixa no conflito entre mim e aquele cabrão do Pallas. Esperemos ser capazes de convencer Musa a escolher o lado correto. Vamos lá.

Narciso conduziu o filho pelas escadas abaixo, até chegar à cela onde Anco esperava com a sua vítima. Narciso desviou o olhar do destroço ensanguentado que eram as pernas de Musa e soltou um protesto.

— Tapa-me essa porcaria!

Anco fez uma careta, mas procedeu conforme indicado; pegou nos restos da túnica de Musa e dispôs-os sobre as pernas do homem da melhor forma que conseguiu. Quando terminou, Narciso aproximou-se da mesa, tentando abstrair-se do sangue esparramado sobre o tampo e que pingava para o solo, bem como dos nacos de carne e tiras de pele.

Esforçou-se por conter a sua frustração. Musa estava num estado lastimável, de olhos arregalados e fixos no teto, o corpo a tremer sem cessar. Já nada o poderia salvar. Qualquer ideia de o convencer a mudar de campo era simplesmente inútil. Musa murmurava uma prece quando Narciso se debruçou sobre ele.

— Disseram-me que estás disposto a falar.

Musa não pareceu dar por ele, pelo que Narciso se debruçou mais e lhe pegou gentilmente no queixo, virando-lhe o rosto para o olhar diretamente nos olhos.

— Musa, quero ter respostas às minhas questões. Estás pronto?

Nos olhos do homem havia um enorme vazio, até que veio o reconhecimento e uma luta para recuperar alguma concentração; por fim ele anuiu, engoliu em seco e respondeu:

— Sim.

Narciso sorriu.

— Ainda bem. Ora então, esta manhã saíste do palácio assim que rompeu a alvorada, e foste visitar uma casa no Aventino.

— Isso foi... esta manhã?

— Sim — replicou Narciso, com toda a paciência. — Foste seguido aqui pelo Sétimo, que conseguiu vigiar os teus passos sem que o percebeses. Desta vez, pelo menos. — Deitou uma olhadela ao agente que era também seu filho, e Sétimo teve o bom gosto de se mostrar embaraçado. — Apesar de teres tomado todas as precauções habituais, alterar o passo, voltar para trás e tudo o resto, o Sétimo seguiu-te, e viu-te entrar na casa do senador Vespasiano. Ora, sei muito bem que o bom do senador tem passado os últimos meses na sua casa em Stabiae. Ouvem-se rumores de que nem tudo está bem entre ele e a esposa, lamentavelmente. Assumo portanto que o motivo da tua visita foi encontrares-te com Flávia, a sua esposa, não foi?

Musa fitou-o por momentos e concordou.

— Espero portanto que me digas que essa visita não se deveu a teres decidido imitar o teu senhor e saltar para cima de alguém bem acima da tua posição social.

Anco riu-se, até que o secretário imperial lhe lançou um olhar furibundo; calou-se, e concentrou-se na limpeza dos seus instrumentos, numa bacia com água já bem avermelhada. Narciso voltou a dar atenção ao homem deitado na mesa.

— Então, que assunto tinhas a tratar com a Flávia?

— Uma... mensagem, de Pallas.

— Estou a ver; e em que consistia essa mensagem?

— O meu amo solicitava-lhe apoio... para quando Nero chegar ao trono.

— Isso é mais uma questão de *se* do que de *quando*, meu caro. O teu amo está a enganar-se a si mesmo, se julga que pode contar com o apoio da Flávia e do seu grupo de associados. Ao contrário daquilo que tão cuidadosamente demonstra em público, a mulher é uma republicana fervorosa. Mais depressa devorava os seus próprios filhos do que apoiava essa víbora traiçoeira que te dá emprego. A adorável Flávia tem sido de grande utilidade a fazer sair traidores das sombras para se juntarem à sua conspiração, sem imaginar que eu vigio todos os seus movimentos.

— Fez uma pausa e coçou o rosto. — Diz-me, o que prometeu Pallas à Flávia, em troca do seu apoio?

— Tratamento preferencial... para o seu marido. Assim que Nero chegar... ao poder.

— O Imperador poeta e o soldado profissional. Duvido que arranjasses assunto que desse para uma conversa entre os dois. Além disso, dá-me ideia que Vespasiano prefere trilhar o seu próprio caminho neste mundo. Um homem admirável em muitos sentidos, mas parece-me também que há nele mais do que um leve traço de ambição. Será preciso vigiá-lo, e até tenho o agente ideal para essa tarefa. Não há homem vivo capaz de resistir aos encantos da jovem Caenis. Meu caro Musa, temo bem que a tua visita a casa do Vespasiano tenha sido uma perda de tempo. O teu amo, Pallas, colocou-te nesta triste situação para nada. Provocou-te toda esta agonia por nada mais do que um capricho especulativo. Tudo o que aqui sofreste hoje pode ser-lhe atribuído. À sua falta de senso. Percebes isso, não é?

Narciso perscrutou as feições de Musa, à procura de qualquer sinal da dúvida que estava a tentar plantar. Aquela história com Flávia era apenas um detalhe, a falha na armadura do inimigo que queria explorar e escancarar, para ter acesso aos segredos que realmente procurava.

A expressão de Musa alterou-se repentinamente, e ele rangeu os dentes enquanto lutava para conter uma nova vaga de agonia. O secretário imperial deixou-o recuperar, esperando pacientemente que a dor amainasse antes de voltar a pressioná-lo.

— Musa, estás a ser usado pelo Pallas. Para ele, não passas de uma ferramenta sem valor, que pode ser atirada fora numa vã tentativa de garantir a boa vontade da Flávia. Pensa bem nisso. Na pouca consideração em que ele te tem. És um homem valioso, vejo-o bem. Tão capaz como o melhor dos meus agentes. Haverá um lugar para ti ao meu lado quando recuperares. Juro-to. Serve-me, e serás tratado com respeito, e bem recompensado. — Afagou o rosto de Musa. — Percebes?

Musa fitou-o, e uma lágrima escapou-se-lhe pelo canto do olho. Engoliu em seco e anuiu fracamente.

— Muito bem — consolou-o Narciso. — Fico feliz por te teres apercebido disso. Entristece-me ver o que te fizeram. Depois de conversarmos, levar-te-ei para um quarto confortável na minha própria casa, e os teus ferimentos serão tratados. Quando tiveres recuperado, falaremos sobre o lugar que vais ocupar na minha organização.

Musa cerrou os olhos e anuiu, com as poucas forças que lhe restavam.

— Só mais uma coisa, antes de nos irmos embora — prosseguiu Narciso. — Preciso de saber o que está o Pallas a planear na Britânia. Ele falou-te dos seus planos para a nova província?

— Sim...

— Acho que mos devias contar — instou Narciso, calmamente. — Se vais trabalhar para mim, não pode haver segredos entre nós, meu amigo. Diz-me.

Musa nada disse por momentos, enquanto tentava controlar a dor que o invadia. Não abriu os olhos, mas começou a falar, respirando levemente e tentando manter o corpo imóvel, para evitar novas vagas de agonia.

— Pallas quer que a campanha falhe... Quer que Roma se retire da Britânia.

— Porquê? — interrompeu Sétimo.

— Chhiu! — silenciou-o Narciso. — Deixa-te estar aí atrás, e calado. — Voltou-se de novo para Musa. — Continua, meu amigo. Porque quer o Pallas que deixemos a ilha?

— Quer prejudicar Cláudio... Se as legiões retirarem da Britânia, será um embaraço para o Imperador e para o seu filho legítimo, Britânico.

— E também me afetará a mim, claro.

— Sim.

Narciso sorriu. Era aquela a verdadeira razão do esquema de Pallas. Pouco tinha a ver com o Imperador, que estava velho e morreria numa questão de anos, ou até mesmo de meses. E tinha tudo a ver com a necessidade de eliminar qualquer rival à posição de conselheiro mais próximo do Imperador, quando Nero tomasse o trono. Uma vez que Narciso tinha apoiado a invasão, e trabalhara arduamente para convencer os senadores que tinham mostrado dúvidas quanto à utilidade de conquistar a Britânia, uma retirada da ilha destruiria a reputação e influência que ainda detinha na corte imperial. E também afetaria o príncipe Britânico, que recebera aquele nome para celebrar a conquista da ilha. Quem apoiaria a causa de um Imperador batizado em nome de uma ilha que tinha afinal de contas desafiado a vontade de Roma?

Narciso respirou fundo antes de continuar o interrogatório.

— E como tenciona o Pallas atingir esse objetivo?

— Enviou um agente... para conspirar com Carátaco... e um poderoso nobre das tribos do Norte... Se Carátaco conseguir uni-las... as nossas legiões não conseguirão derrotá-las... A província cairá.

— O nome do agente? Como se chama? Fala.

Musa abanou a cabeça e encolheu-se.

— Não sei. Pallas nunca mo disse.

Narciso silvou, frustrado, e ergueu-se com uma expressão exasperada.

— Há mais... mais uma coisa que deves ficar a saber — murmurou Musa.

— O que é?

— O agente tem ainda outro propósito... Eliminar dois dos teus homens.

— Meus homens? — Narciso franziu o sobrolho. — Não tenho agentes na Britânia.

— Pallas tem outra ideia... Quer eliminar dois oficiais que sabe que estão ligados a ti.

— Quem?

Musa lutou para se concentrar antes de voltar a falar.

— Quinto Licínio Cato... e Lúcio Cornélio Macro.

— Esses dois? — Narciso mal conseguiu reprimir uma gargalhada.

— Há já algum tempo que não trabalham para mim. O Pallas desperdiça

o seu tempo se acha que as suas mortes me afetariam. Além disso, tenho é pena dos agentes que pensem em enfrentar esses dois. É tudo? Tens mais alguma coisa a dizer-me?

Musa lambeu os lábios e abanou ligeiramente a cabeça.

— Não, é tudo.

— Portaste-te bem, meu amigo. — Narciso afagou-lhe a mão. — Agora é tempo de descansar. E de recuperar.

Os cantos da boca de Musa arreganharam-se num fugaz sorriso de alívio, e o corpo relaxou. Narciso largou-lhe a mão e afastou-se para junto da porta, fazendo um gesto a Sétimo para se aproximar.

— Bom, agora já sabemos tudo.

— E o que vais fazer quanto a isto? — perguntou-lhe o filho, quase em surdina. — Temos de avisar o general Ostório.

— Não me parece. Melhor será que ele nem saiba de nada. Este assunto tem de ser tratado pela calada. Temos de enviar um dos nossos homens para tratar do agente de Pallas. Encontrá-lo, e acabar-lhe com a espécie. Ao mesmo tempo, pode avisar o Cato e o Macro. — Soltou um sorriso sardónico. — Imagino que nada os alegrará ter notícias minhas, mas é justo que fiquem a saber do perigo que correm. Além disso, posso vir a precisar dos seus serviços ainda mais alguma vez. Veremos.

Sétimo encolheu os ombros, antes de perguntar:

— E quem queres mandar?

Narciso virou-se para ele e fitou-o de alto a baixo.

— Sugiro que vás comprar roupas quentes, meu rapaz. Pelo que tenho ouvido, o clima na Britânia é inclemente, mesmo nos melhores períodos.

— Eu? Não estás a falar a sério.

— Em quem mais posso eu confiar? — Narciso falou num tom conspiratório. — Estou a aguentar-me na posição ao lado do Imperador pelas pontas dos dedos. Meu filho, eu não sou tolo. Sei perfeitamente que alguns dos meus agentes já se passaram para o Pallas, e que outros consideram essa hipótese neste preciso momento. És o melhor dos meus homens e o único em que posso confiar totalmente, já que és também meu filho. Tens de ser tu a ir. Se pudesse enviar outro, acredita que o faria. Compreendes?

Olhou pesadamente para os olhos de Sétimo, quase a suplicar a sua compreensão, e o homem mais novo acabou por aceder, embora sem esconder a relutância.

— Sim, pai.

Narciso apertou-lhe ligeiramente o ombro, afetuosamente.

— Ótimo. Agora, tenho de regressar ao palácio. O Imperador espera ver-me ao jantar. Toma conta das coisas por aqui. Limpa a casa, e paga ao Anco.

Sétimo esticou o polegar para trás das costas, designando o destroço humano que aguardava na mesa.

— E quanto a ele?

Narciso deitou um último olhar ao estropiado agente do seu inimigo.

— Já de nada nos pode servir. Nem a ninguém. Corta-lhe as goelas, deixa-o irreconhecível, e deita o corpo ao Tibre. O mais provável é que o Pallas já saiba que ele desapareceu. Prefiro que nunca seja encontrado. Isso ao menos deve provocar algum desconforto àquele cabrão. Trata disso.



*Britânia, julho*

— **P**or quem sou, nota-se que esta foi bem usada e abusada. — O sírio assobiou baixinho enquanto examinava a couraça de Cato, passando os dedos sobre as mossas e pela ferrugem acumulada nas ranhuras da proteção articulada. Virou-a, para melhor observar a placa dorsal. — Nesta zona está melhor. Como seria de esperar, pertencendo, como é o caso, a um dos mais destemidos oficiais do Imperador. Os feitos do prefeito Quinto Licínio Cato são já lendários.

Cato trocou um olhar sardónico com o seu amigo, o centurião Macro, antes de responder.

— Pelo menos entre o bando dos mercadores de armaduras.

O sírio inclinou a cabeça num modesto reconhecimento, pousou a couraça e virou-se para Cato com uma expressão apologetica.

— Lamentavelmente, senhor, parece-me claro que seria mais dispendioso recuperar esta armadura do que aquilo que ela vale. Claro que nada me agradaria mais do que poder oferecer-lhe um preço justo por uma nova, se acaso desejasse trocá-la.

— Preço justo, estou mesmo a ver que sim — lançou Macro, do conforto da cadeira onde se sentava, as pernas esticadas e os braços cruzados. — Cato, não lhe dê ouvidos. De certeza que consigo que um dos rapazes da forja a endireite, por uma fração do preço que este patife quer levar por uma troca.

— Claro que o poderia fazer, nobre centurião — ripostou o sírio, em tom melíflu. — Mas cada pancada que for dada a esta armadura para a endireitar, como sugere, mais não fará do que enfraquecê-la. Vai é torná-la quebradiça, num ponto e noutro. — Voltou-se para Cato com ar solícito. — Meu caro senhor, nunca mais conseguiria eu dormir descansado, sabendo que tinha partido para a guerra contra os selvagens guerreiros desta ilha envergando uma armadura que poderia colocar a

sua vida em risco, e assim privar Roma dos serviços de um dos seus mais capazes oficiais.

Macro, sentado junto à parede oposta da tenda, deixou escapar uma risada de escárnio.

— Não te deixes levar pelas falinhas mansas deste tratante; essa armadura não tem nenhum problema que não possa ser remendado com um bocadito de esforço. Talvez depois não fique a parecer a mais impressionante da parada, mas pelo menos servirá para o trabalho.

Cato assentiu, mas reconheceu também, enquanto contemplava a couraça estendida sobre a mesa, que era demasiado óbvio que esta já conheceria melhores dias. Tinha-a adquirido, com o resto do equipamento e das armas, nos armazéns da guarnição de Londres quando tinham regressado à Britânia, havia alguns meses. Fora uma compra apressada mas barata, e o responsável pelos armazéns garantira-lhe que a armadura tinha tido apenas um dono anterior, um cuidadoso tribuno da Nona Legião, que a envergara apenas em ocasiões cerimoniais, preferindo uma cota de malha sempre que estava de serviço. Só quando o verniz e o polimento tinham começado a ficar gastos é que a mentira fora exposta em toda a sua extensão. Como Macro comentara, era bastante mais provável que aquela couraça tivesse sido bem usada, e que isso até tivesse acontecido nos tempos de Júlio César.

Cato inspirou profundamente, e resolveu-se.

— Quanto é que isto vale?

Um sorriso fugaz iluminou as feições do sírio.

— Nobre senhor, antes de combinarmos o preço, será talvez melhor considerar que tipo de material deseja em substituição desta velha armadura.

Virou-se para a arca que os seus escravos tinham trazido para a tenda do prefeito. Com um gesto hábil, que incluiu uma rápida torção dos pulsos, desapertou os fechos e ergueu a tampa. Lá dentro viam-se vários fardos de lã espessa. O mercador investigou alguns antes de seleccionar dois e os colocar sobre a mesa, ao lado da velha couraça de Cato. Abriu então as dobras dos fardos, revelando uma cota de malha e outra armadura, de placas reluzentes. Afastou-se, de maneira a que o cliente pudessem apreciar devidamente as peças, e agitou a mão sobre o produto que assim oferecia.

— Senhor, aqui coloco ao seu dispor as melhores armaduras que

podem ser encontradas em todo o Império, e aos mais acessíveis preços que alguma vez lhe serão propostos. Palavra de Ciro de Palmira. — Colocou a mão sobre o coração.

Macro acenou.

— Bom, sendo assim, já fico sossegado. Cato, podes ter a certeza que vais fazer o negócio da tua vida.

O mercador resolveu ignorar o cínico amigo do seu cliente e convidou o prefeito para se aproximar da mesa. Cato debruçou-se sobre as armaduras, considerando o seu aspeto, e por fim pegou num canto da cota de malha, sentindo-lhe o peso.

— É mais leve do que pensava, não é? — O mercador passou o dedo sobre os elos metálicos. — A maior parte das cotas de malha são feitas de ferro barato, mas esta é diferente. O fabricante é um primo meu, Patólumo de Damasco. Já ouviu falar do seu trabalho, com certeza.

— Sim, quem não ouviu? — comentou Macro, secamente.

— Este meu primo aperfeiçoou um novo metal, que contém mais cobre, de forma a ser mais leve, mas sem comprometer a integridade da peça. Porque não a experimenta, para ver como lhe assenta, nobre prefeito? Não é de forma alguma obrigado a comprá-la.

Cato passou as pontas dos dedos sobre a armadura, e acabou por concordar.

— E porque não?

— Senhor, permita-me. — O sírio pegou na cota de malha e, com um jeito vindo da prática, colocou-a em posição, e manteve-a suspensa no ar para que Cato a vestisse. Este inclinou o pescoço para o meter pela abertura e encolheu os polegares para melhor enfiar os braços pelas curtas mangas da veste de proteção. O mercador ajustou a malha enquanto a deixava escorregar ao longo do torso do prefeito, dando-lhe um toque final, como que a alisar uma imaginária dobra, antes de se afastar um passo e cruzar os dedos por baixo da barba fina e bicuda. — Apesar de não passar de uma humilde cota de malha, senhor, assenta-lhe como a mais elegante luva de pele de cabra! Elegante! Muito elegante.

Cato voltou-se para a pequena mesa de campanha onde tinha um espelho, escovas, raspadores, e um pequeno pote de cerâmica com óleo aromático, que empregava nas suas abluções. Segurou o espelho de metal polido com o braço esticado e examinou a sua própria figura com todo o cuidado. A malha metálica era rematada com uma pequena serrilha,

e assentava realmente bem à sua figura esguia. O tom do metal era mais pálido do que o habitual, e brilhava discretamente sob a luz que penetrava na tenda pelas abas abertas.

— Confortável, não é? — aliciou o sírio. — Podia marchar com ela todo o dia, depois travar uma batalha, e não sentiria metade do cansaço que teria se usasse a sua velha couraça. E também não lhe prende tanto os movimentos. Um guerreiro tem de ser capaz de gestos fáceis e rápidos, não é? Esta armadura dar-lhe-á a agilidade de um Aquiles, nobre senhor.

Cato rodou o torso e tentou alguns movimentos com os braços. Era verdade que aquela malha parecia menos pesada e o atrapalhava menos que outras que usara no passado. Virou-se para o amigo.

— O que acha?

Macro dobrou o pescoço ligeiramente enquanto olhava para Cato de alto a baixo.

— Bem, miúdo, parece que te cai bem, de facto, mas o que interessa realmente é se presta para alguma coisa quando se trata de aparar os golpes dos inimigos. A malha é boa para evitar os cortes, embora uma boa estocada consiga partir ossos mesmo sem ferir. O verdadeiro perigo está na ponta. Um dardo bem lançado, ou uma flecha, facilmente atravessam a malha.

— Não neste caso — interveio o mercador, enquanto pegava numa dobra da malha. — Senhor, se me permite. Veja isto, há rebites nas ligações dos elos. O que não só aumenta a resistência, como ajuda a manter as pontas aceradas das armas dos vossos bárbaros inimigos do lado de fora. O seu ilustre companheiro, o formidável centurião Macro, sabe com toda a certeza que uma malha rebitada é muito, muito superior às que têm elos simplesmente martelados ou sobrepostos. Além disso, como pode observar, os elos são mais pequenos, o que torna ainda mais difícil romper este magnífico exemplo do trabalho cuidado do meu primo.

Cato virou a cabeça para apreciar a malha que lhe cobria o ombro. Era como afirmara o mercador: cada elo estava selado com um minúsculo rebite, um processo demorado que significava que aquela veste tinha levado muito mais tempo a produzir do que as que se viam nos corpos da maioria dos soldados das legiões e das unidades auxiliares. E isso não deixaria de se refletir no preço que lhe ia ser pedido, ponderou, enquanto mordida o lábio. Havia pouco que recebera o seu primeiro

pagamento desde que desembarcara na Britânia, já fazia quatro meses. E tinham entretanto passado seis meses desde que fora oficialmente nomeado para a patente de prefeito, com um salário anual de vinte mil denários. Tinha solicitado um adiantamento de cinco mil para cobrir as despesas do modesto festim que oferecera depois do seu casamento com Júlia, e para pagar o equipamento e depois a viagem que se vira obrigado a encetar para ir ocupar o seu posto. Parte do dote pago pelo pai de Júlia, o senador Semprônio, tinha ficado nas mãos dela, para que pudesse comprar uma casa razoável em Roma, a mobilasse e arranjasse o pessoal necessário para a manter; o restante tinha tido por destino um banqueiro de confiança, de maneira a que a jovem pudesse viver dos juros, até que Cato regressasse ou a mandasse buscar. Entretanto, este recebera por fim o segundo pagamento trimestral, e podia portanto comprar novo equipamento.

Não tendo por si o benefício de provir de uma família de posses, como era comum para os homens da sua patente no exército, Cato estava a cada dia mais consciente da simplicidade do seu guarda-roupa e da pobreza da armadura que usava. Não lhe escapavam os olhares altivos que alguns dos outros oficiais lhe lançavam de cada vez que o general Ostório convocava os subordinados para as reuniões diárias na tenda do estado-maior. Apesar da sua brilhante folha militar, não havia lugar a dúvidas quanto ao desdém nas vozes dos que atribuíam maior valor a uma linhagem aristocrática do que à capacidade pura e comprovada no campo de batalha. O próprio general não fizera grande esforço para esconder que não tinha muito apreço pelo mais jovem comandante de uma coorte auxiliar no seu exército.

E era essa a razão, com toda a certeza, que tinha levado o general a dar-lhe a responsabilidade pela caravana das bagagens do exército. A escolta desta era composta pelos sobreviventes da guarnição do forte de Bruccium, um esquadrão de cavalaria trácia a que fora anexada uma coorte de legionários da Décima Quarta, comandada por Macro. As duas unidades tinham sofrido pesadas baixas durante o cerco ao forte, e poucas hipóteses havia de receberem outras missões até ao fim da época de campanha, altura em que o exército se aquartelaria para esperar a passagem do inverno. E até esse momento, Cato, Macro e os seus homens marchariam penosamente ao lado dos vagões e carroças, pouco à frente da turba de seguidores civis onde se escondiam todos os aproveitadores

dos soldos dos legionários, no fim da coluna que o general Ostório conduzia lentamente pelo coração das montanhosas terras dos siluros.

Perseguiam o comandante inimigo, Carátaco, e o seu exército de guerreiros siluros e ordovicos, a que se tinham juntado pequenos bandos de combatentes de outras tribos, que tinham escolhido continuar a lutar contra a presença romana na ilha. A intenção do general era encurralar Carátaco e forçá-lo a dar-lhe batalha. Quando tal sucedesse, os nativos, bravos como eram, não tinham qualquer hipótese de conseguir estar ao mesmo nível dos soldados profissionais do exército romano. O inimigo seria esmagado, o seu líder morto ou capturado, e a nova província romana da Britânia poderia finalmente ser considerada pacificada, quase nove anos depois do primeiro passo das legiões de Cláudio nas praias da ilha.

— Bem, nobre senhor? — O mercador sírio interrompeu-lhe os pensamentos. — Aprecia a cota de malha?

— Está-me muito bem — admitiu Cato. — Quanto custa?

— Normalmente não pediria por tão perfeita peça de equipamento menos de três mil sestércios, senhor. Mas, tendo em consideração a sua fama, e a honra que me concede ao permitir-me servi-lo, seria capaz de aceitar dois mil e oitocentos.

Era bastante mais do que Cato antecipara. Mais de três anos da paga de um legionário. Mas a verdade é que o equipamento que lhe restava já não estava em condições de ser usado em combate, e na multidão de comerciantes que seguia o exército não havia mais do que um punhado de especialistas em equipamento; e com tão pouca competição, podiam pedir os preços que lhes apetessem.

Macro quase se engasgou.

— Dois mil e oitocentos? Vai-te mas é foder!

O mercador ergueu as mãos, tentando acalmar a situação.

— Senhor, não há outra cota de malha tão eficiente em toda a província. Vale bem o dobro do modesto preço que estou a pedir.

Macro virou-se para o amigo.

— Não dês ouvidos a este sacana ganancioso. A veste não vale metade disso.

Cato limpou a garganta.

— Centurião, se não se importa, eu mesmo trato do assunto.

Macro abriu a boca para protestar, mas o pesado sentido de disciplina

que tantos anos na legião lhe tinham incutido no espírito triunfou, e ele limitou-se a assentir.

— Como desejares... senhor.

Cato tirou a cota de malha por cima da cabeça, com a ajuda do mercador, e pousou-a junto à armadura que este também lhe propusera.

— E quanto a esta?

— Ah, o seu olho conhecedor descortinou, sem qualquer sombra de dúvida, que também este é um trabalho do meu primo. — Ciro pegou na armadura e levantou-a, para que o cliente em perspectiva a pudesse apreciar devidamente, antes de prosseguir. — Pelo mesmíssimo e modesto preço da cota de malha, senhor, esta peça oferecer-lhe-á ainda melhor proteção, com a vantagem inegável de que provocará nos seus adversários um terror acrescido, graças ao brilho resplandecente que não deixará de ostentar. — Em resposta às palavras do vendedor, a luz refulgiu nas placas polidas, fazendo lembrar a Cato a pele de um peixe acabado de fisgar. Era fácil imaginar-se em plena batalha, envolto por inimigos, mas destacado, bem à vista dos seus homens. E aí é que estava realmente o problema: seria também facilmente notado por qualquer combatente inimigo decidido a tentar abater um oficial romano. Ao mesmo tempo, porém, dar-lhe-ia um aspeto realmente impressionante quando estivesse ao pé dos outros oficiais superiores do exército, considerou.

— Hum... — Foi a vez de Macro limpar a garganta. — Senhor, aceitas um conselho?

Cato afastou o olhar da armadura polida.

— Sim?

Macro avançou para o mercador que ainda segurava a armadura de forma a que a luz lhe batesse e lhe desse todo o brilho. O centurião levantou a bainha, e bateu com um dedo no espesso revestimento interior de couro a que as placas tinham sido cosidas.

— Aqui está o problema. Uma armadura de placas é uma boa peça de equipamento, num clima seco. Como afirma aqui o nosso amigo sírio, dá mais proteção, claro, mas quando chove, o que é que acontece, hã? O couro absorve a água, e vai acabar por fazer a armadura pesar o dobro. Antes que te apercebas do que se está a passar, já um inimigo mais ágil o deitou abaixo.

— Mas vem aí o verão — lembrou Cato.

— Pois, pois, estou mesmo a ver que isso quer dizer que não vai

chover mais. — Macro abanou a cabeça. — Sabes muito bem como é o tempo nesta ilha miserável. Mais húmido do que a rata duma puta da Subura por altura dos jogos.

Cato não evitou um sorriso.

— Dir-se-ia que anda outra vez a ler o Ovídio.

Macro abanou a cabeça.

— Para quê ir aprender a teoria quando se conhece tão bem a prática? E isto vale para tudo na vida.

— Aí está uma frase digna de um soldado.

Macro inclinou a cabeça.

— Agradeço, senhor.

Cato voltou a dar atenção à armadura de placas. Estava francamente tentado a comprá-la, sobretudo devido ao aspeto distinto, que entraria pelos olhos adentro dos oficiais que o contemplavam com desdém. Contudo, temia que pudesse muito bem acabar por causar-lhes um aumento do ressentimento. Ostentar uma bela armadura nova dar-lhes-ia motivos renovados para torcer o nariz perante aquele que no fundo viam como um mero soldado que tinha conseguido trepar muito acima daquela que devia ser a sua posição social. Com pena, fez um gesto a apontar a cota de malha.

— Vou ficar com esta.

O mercador sorriu, voltou a embrulhar a armadura no fardo de lã e devolveu-a à arca.

— Meu caro prefeito, são então dois mil e oitocentos.

— Dois mil e quinhentos.

Ciro adotou um olhar magoado, e as suas escuras sobranceiras juntaram-se numa breve careta.

— Senhor, vejamos, está a gozar comigo. Sou um honesto comerciante. Tenho uma família para alimentar, e uma reputação a manter. Não existe proteção que possa comprar por este preço com a mesma qualidade que esta bela peça do meu primo. Senhor, pense bem. Se aceitasse o preço que sugere, teria de reconhecer que o fazia por saber perfeitamente que tudo aquilo que elogiei nesta peça não correspondia à realidade. Como o sabe também, senhor. O facto de que nunca me passaria pela cabeça vendê-la por menos de, digamos, dois mil e setecentos, é uma eloquente prova da fé que tenho na superior qualidade dos produtos que vendo.



Cato envergou uma expressão implacável e ripostou:

— Dois mil e seiscentos.

O sírio suspirou.

— O coração pesa-me deveras, ao ver como sou tratado... — Fez uma pausa, como que toldado pela agonia da indecisão, e prosseguiu, em tom sofrido. — Todavia, honrado prefeito, não poderia suportar a ideia de o ver partir para a batalha com uma proteção que não lhe oferecesse todas as garantias. Por essa razão, a única, disponho-me então a aceitar dois mil, seiscentos e setenta e cinco.

— Dois mil, seiscentos e cinquenta, e nem mais um sestércio.

O homem sorriu.

— Negócio fechado. Será então esse o preço, a que se junta a sua velha placa peitoral. Que não possui qualquer valor, como já determinámos.

Cato abanou a cabeça.

— Não, o dinheiro e nada mais. Além disso, quero uma proteção para o ombro, com os fechos adequados.

Ciro fez uma pausa antes de estender a mão.

— Prefeito, é difícil negociar consigo. Está numa posição mais favorável do que eu. Mas enfim, aceito os termos.

Cato pegou-lhe no braço e trocaram um breve aperto; o mercador voltou-se para a arca e extraiu do interior uma pequena peça de malha metálica, cujos elos eram feitos de ferro de menor qualidade, embora também rebitados, observou Cato, aliviado. Pensou se valeria a pena insistir em que a proteção para o ombro fosse da mesma qualidade que o resto da veste, mas acabou por decidir que não. Nunca se sentia muito confortável quando regateava uma compra, e naquele momento queria apenas dar a transação por terminada.

Atravessou a tenda até chegar junto da arca reforçada com faixas de ferro que tinha por baixo da cama de campanha, retirou a chave que usava em torno do pescoço, e abriu-a. Tinha recebido o pagamento numa mistura de moedas de ouro, prata e bronze, e contou o necessário para efetuar o pagamento, que colocou numa bolsa de couro. Entretanto, o mercador tinha chamado os seus escravos para levarem o baú das mercadorias. Depois de verificar as moedas que recebeu e contabilizar o valor, o comerciante fez uma vénia profunda e recuou, atravessando assim as abas da entrada da tenda.

— Foi uma enorme honra ter negociado consigo, senhor. Se por acaso algum dos seus irmãos oficiais tiver necessidade de novo equipamento, não se esqueça de lhes falar de mim, Ciro de Palmira, orgulhoso fornecedor da melhor proteção que os heróis do Império podem encontrar. Que os deuses o protejam.

Com um último salamaleque, desapareceu, e Macro soprou as bochechas enquanto contemplava a nova veste do amigo.

— Espero que valha o que pagaste.

— Só o tempo o dirá. — Cato respirou fundo e chamou: — Thraxis! Vem cá!

De imediato correu um soldado auxiliar, baixo e entroncado, que entrou na tenda e fez a saudação regulamentar. Embora se tivesse juntado a uma unidade trácia, o servidor pessoal de Cato era da Macedónia, e exibia os traços escuros e os olhos estreitos típicos dos habitantes dessa área. Não tinha experiência no desempenho das funções de criado, mas tinha uma folha limpa, e o decurião garantira que o homem era honesto e entendia perfeitamente o latim. Tinha de servir, pelo menos naquela altura, decidira Cato, mas resolvera também que assim que a época de campanha terminasse, iria ao mercado em Londinium para adquirir um escravo de boa qualidade, que pudesse desempenhar as tarefas de Thraxis e lhe permitisse assim regressar ao seu esquadrão.

Cato apontou para a velha placa peitoral.

— Vou reservá-la apenas para uso cerimonial. Vai até ao mercado dos civis e procura quem trate dela. Quero-a bem limpa, envernizada e polida até rebrilhar como se fosse nova.

— Sim, prefeito.

— E já que lá vais, há falta de alguma coisa nas minhas provisões pessoais?

Thraxis baixou a cabeça e pensou por momentos.

— Vinho e queijo, prefeito. Está quase sem nenhuns. — Lançou um olhar sibilino na direção de Macro. — Dado o consumo que têm tido ultimamente.

— Ainda tens dinheiro para isso? — inquiriu Cato.

— Sim, prefeito. Mas lá para o fim do mês vão ser necessários mais fundos.

— Muito bem, vê se desta vez consegues comprar um vinho decente. As duas últimas ânforas quase que sabiam a mijo.

— A sério? — comentou Macro, surpreso. — Não dei por nada.

Cato suspirou, e continuou a dirigir-se ao criado.

— Vinho de jeito, percebes?

— Sim, prefeito. Um mercador novo chegou ontem ao campo. Deve ter material diferente do anterior. Vou ver.

— Faz isso, sim. Estás dispensado.

O homem dobrou-se ligeiramente e deixou a tenda. Macro esperou que ele estivesse suficientemente longe para não conseguir ouvir, e coçou o rosto.

— Não sei bem o que pensar deste tipo.

— Do Thraxis? Está a servir para o lugar. Além disso, é um bom soldado.

— É isso mesmo. Não me dá nada ar de soldado auxiliar. Parece-me mais um daqueles gregos armados em espertos.

— Parece-me que está a falar de filósofos.

Macro encolheu os ombros.

— Acho que a minha descrição lhes faz muito maior justiça. Além disso, sabes bem do que eu estou a falar.

Cato suspirou.

— Macro, tem de haver gente de todos os feitios neste mundo.

— Não, miúdo, no exército não tem. O nosso trabalho é matar gente. Não é pormo-nos a conversar com elas. E por falar em conversas...

— Procurou na sacola e pegou numa tábua encerada. Abriu-a e contemplou as notas apressadas que tomara anteriormente, e quase automaticamente assumiu uma postura mais formal. Também a voz sofreu uma subtil alteração, reparou Cato. O tom fácil da camaradagem voltou a desaparecer, e Macro transformou-se apenas no centurião mais antigo da Quarta Coorte da Décima Quarta Legião.

— O relatório diário de ontem, senhor. O efetivo. Primeira centúria: sessenta e dois aptos, oito doentes, e um destacado para o quartel-general.

— A que propósito?

— Interrogatório, senhor. As capacidades do legionário Pulónio foram solicitadas para auxiliar nos interrogatórios à nova leva de prisioneiros.

— Muito bem. Prossiga.

Macro voltou a olhar para as notas.

— Segunda centúria: cinquenta e oito em condições, dez de baixa.

O médico diz-me que acha que nenhum deles aguenta mais um dia que seja.

Cato anuiu, enquanto procedia a alguns rápidos cálculos mentais. A coorte de Macro tinha sido fortemente castigada no forte e, em vez de apresentar seis centúrias quase sem pessoal, Cato ordenara que os sobreviventes formassem duas unidades com um efetivo mais razoável, que lhes permitisse operar como unidades táticas com um mínimo de eficácia. O mesmo se passava com a sua própria coorte, a Segunda Trácia de Cavalaria. Só lhe restavam perto de noventa homens, o que mal dava para completar o efetivo de três esquadrões. Portanto, o seu comando, encarregue da escolta das bagagens e dos seguidores civis do exército, era composto por duzentos e dez homens. Se Carátaco conseguisse fazer passar um grupo de combate pelo espaço entre a coluna principal do general Ostório e a retaguarda, poderia causar grandes danos antes de se conseguir reunir uma força suficiente para o rechaçar. E se essa calamidade viesse a ocorrer, era mais do que certo que o general apontasse Cato como responsável, apesar da falta de homens de que dispunha. E assim era a ingrata vida de um oficial, refletiu Cato, com um azedume reforçado pela fadiga.

— Que mais?

— As reservas de cereais estão a ficar curtas. Só temos quatro dias de rações completas. Além disso, o armeiro queixa-se do couro que tem sido obrigado a usar para fazer as reparações das armaduras segmentadas dos homens.

— O que tem de errado?

— A humidade deu cabo dele. A maior parte do material não se pode usar. As tiras de substituição partem-se assim que são postas.

— Ele que vá buscar mais às reservas da legião.

Macro deu um estalo com a língua.

— Aí é que está o problema. Ele não consegue obter material das reservas da Décima Quarta, porque o intendente não lho permite.

Cato cerrou os olhos.

— Porquê?

— Porque considera que a minha coorte está em destacamento, e portanto devia obter material das reservas da própria escolta.

— Mas nós não temos couro.

— Isso, diz ele, não é problema seu.

Cato silvou e voltou a abrir os olhos.

— Já falou com ele, então?

— Oh, sim. Nada feito. Ele sugeriu que eu falasse com o meu superior hierárquico, e portanto cá estamos.

— Obrigadinho.

Macro sorriu.

— Senhor, a patente não significa só o pagamento...

— Bom, vou ver o que se pode fazer no quartel-general, depois de a reunião com o general acabar. — Cato cruzou os braços. — É tudo?

— Por agora, senhor.

— Então acabámos. Obrigado, centurião.

Macro saudou-o e saiu, deixando Cato a sós para dar largas às suas frustrações. Ergueu o olhar e lançou uma breve prece a Júpiter, o maior e melhor dos deuses, para que o fardo de escoltar as bagagens não fosse seu por muito mais tempo. Já chegava que as suas duas unidades estivessem quase sem pessoal, quase sem reservas alimentares e que os seus pedidos fossem ignorados. Pior ainda era a natureza do próprio trabalho, que implicava passar o tempo a alternar entre ameaças e lisonjas aos condutores das mulas para pôr as carroças em movimento, e manter na ordem os mercadores, os vendedores, as prostitutas e os traficantes de escravos que seguiam em matilha na esteira do corpo principal do exército. Ou seja, ter de resolver as frequentes altercações entre eles, partindo umas cabeças aqui e acolá, controlando tudo o que ameaçasse interromper o avanço ao longo do lamacento caminho remexido pelas botas dos legionários que marchavam na cabeça da grande coluna.

Saiu da tenda e contemplou a cena que se abria aos seus olhos. A penumbra descia sobre as montanhas siluras, dando ao céu um tom que lembrava o violeta. O exército interrompera a marcha pela tarde, para construir o campo fortificado, e agora que as últimas defesas tinham ficado prontas, os homens preparavam-se para passar mais uma noite em campanha. Dada a estreiteza do vale que percorriam, os soldados tinham sido obrigados a erguer um recinto estreito e comprido, em vez do retângulo usual. Em resultado disso, o comboio das bagagens e o amontoado caótico de tendas e abrigos dos seguidores civis estendiam-se para ambos os lados das linhas regulares das tendas dos homens da escolta. Os cavalos dos trácios mastigavam tranquilamente as suas rações num curral improvisado com cordas.

À direita, a uns duzentos passos, avistavam-se outras linhas regulares de tendas, que marcavam a posição das duas coortes da retaguarda da coluna militar. À mesma distância, mas na direção oposta, ficavam as tendas do corpo principal do exército, tão bem implantadas quanto o terreno o permitia, e dispostas em torno da tenda do comandante. A maior tenda que Cato avistava situava-se num alto, a mais de oitocentos metros dali: o quartel-general do general Ostório. Dúzias de fogueiras tinham sido acesas, e o brilho das chamas trespassava a cortina de escuridão que descia sobre o vale. Ao olhar para cima, sobre o parapeito que percorria a linha de estacas que marcava a muralha do campo, Cato avistou pequenos bandos de cavaleiros de outra unidade de cavalaria a ocuparem as encostas em volta do acampamento; alguns deles recortavam-se contra o céu ainda luminoso na direção do poente. E para lá deles, algures em pleno cenário selvagem das montanhas, estava o exército de Carátaco, que os romanos perseguiram — pelo menos naquele momento, lembrou-se Cato. Já tinha combatido o rei catuvelauno antes, e aprendera a respeitá-lo. Carátaco ainda era bem capaz de lhes fazer uma surpresa. Cato sorriu, pensativo. O que seria realmente surpreendente era que ele não o fizesse.

O som metálico de uma trombeta fez-se ouvir sobre o burburinho de ordens, conversas a meia-voz e sons dos animais. Cato escutou com atenção, e reconheceu o sinal que convocava os comandantes das diferentes unidades ao quartel-general. Voltou à tenda, vestiu e apertou um colete de cabedal com tiras de proteção sobre o ombro e sobre as pernas. Passou o cinturão do gládio sobre o pescoço e pegou na capa de lã. Quando voltasse à tenda, já estaria muito escuro, e conhecia aqueles vales o suficiente para saber que à noite se tornavam extremamente frios, mesmo durante aquilo que passava por verão na Britânia. Ao sair da tenda apertou o alfinete no ombro e ajustou a capa, enquanto esperava por Macro, que se aproximava vindo das tendas. Seguiram então os dois, atravessando o acampamento até ao quartel-general.